

T H E O D O R W.  
**ADORNO**

---

**A atualidade da Crítica**  
**Vol.2**

Ricardo Timm de Souza . Fábio Caires . Marcos Messerschmidt  
Renata Guadagnin . Pedro Savi Neto . Marcelo Leandro dos Santos  
Oneide Perius (Orgs.)

*φ editora fi*

**Diagramação e capa:** Lucas Fontella Margoni

**Arte da capa:** Talins Pires de Souza

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



A publicação contou com o apoio CAPES/PAEP no âmbito do projeto: Nº 0920/2017, Processo Nº 88881.140175/2017-01

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

SOUZA, Ricardo Timm de; CAIRES, Fábio; MESSERSCHMIDT, Marcos; GUADAGNIN, Renata; SAVI NETO, Pedro; SANTOS, Marcelo Leandro dos; PERIUS, Oneide (Orgs.).

Theodor W. Adorno: a atualidade da crítica: vol. 2 [recurso eletrônico] / Ricardo Timm de Souza; Fábio Caires; Marcos Messerschmidt; Renata Guadagnin; Pedro Savi Neto; Marcelo Leandro dos Santos; Oneide Perius (Orgs.). - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

588 p.

ISBN - 978-85-5696-254-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Theodor W. Adorno; 2. Teoria crítica; 3. Congresso internacional; 4. Estética. 5. Escola de Frankfurt;  
I. Título.

CDD-100

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia            100

# Persistências e rupturas da dialética de Hegel em Adorno

*Amaro Fleck*<sup>1</sup>

Parece reinar grande confusão quando o assunto é a herança hegeliana de Adorno, em especial no que toca ao assunto da dialética. A questão é descobrir o que, propriamente, Adorno mantém da dialética hegeliana e do que ele se desfaz, ou tenta se desfazer, em seu projeto de uma dialética negativa. Para tanto é preciso entender como o próprio Adorno leu Hegel, se o fez de forma atenta e correta ou se, pelo contrário, abusou de liberdades filosóficas no tratamento dos conceitos daquele. Parte da literatura, em especial aquela mais simpática ao autor da *Ciência da Lógica*, ou bem afirma que o frankfurtiano simplesmente não compreendeu, de forma adequada, a dialética em seu programa mais ambicioso e sistemático, ou bem que suas críticas o levariam a abandonar, malgrado o que ele próprio afirme, a própria dialética. Outra parte da literatura, esta mais simpática ao filósofo da era das catástrofes, insiste em defender a pertinência de uma dialética sem síntese ou *aufhebung*, como se o caso fosse de um mesmo procedimento, com uma alteração mais ou menos fundamental em sua estrutura.

Em minha apresentação gostaria de questionar o pressuposto existente em todas estas hipóteses, a saber, o de que Hegel e Adorno, apesar de algumas diferenças, teriam um projeto

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Este capítulo é parte de uma pesquisa realizada durante estágio de pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [amarofleck@hotmail.com](mailto:amarofleck@hotmail.com)

em comum. Gostaria de defender que uma ruptura bem mais fundamental deve ser levada em conta em qualquer tentativa de aproximação deles. Em outras palavras, avento a hipótese de que Adorno só se filia à tradição dialética na medida em que considera possível subvertê-la, e numa dimensão tal que ela fique irreconhecível. Trata-se assim de uma reinvenção, de uma refuncionalização. A dialética fica, suas principais categorias – crítica imanente, negação determinada, contradição, totalidade – ficam, mas tudo isto é ressignificado e articulado de maneira tal que sirva a um propósito não apenas diferente, mas até mesmo contrário ao da dialética hegeliana (contar a passagem da dialética hegeliana para a adorniana é, por isso, fazer uma dialética da dialética).

Para defender esta hipótese, argumentarei que a dialética está nas coisas, é a estrutura subjacente delas, e isto vale tanto para Hegel quanto para Adorno, mas que enquanto isto implica uma ontologia no primeiro o mesmo não ocorre no segundo. Isto se deve a compreensão do que é a contradição, ou melhor, ao fato de que os objetos contraditórios não são os mesmos nos dois autores. Assim, e isto é o que pretendo frisar nesta exposição, nem tudo é dialético em Adorno. Por fim, concluo com a observação de que a distância tomada por Adorno frente a Hegel consiste em subverter o projeto da dialética. A dialética não mais conduz, por passos inexoráveis, a uma reconciliação com a totalidade, mas, pelo contrário, se transforma em uma teoria crítica da sociedade, uma teoria que pretende apresentar a totalidade de tal forma que esta se torne inaceitável, que afirma que a totalidade existe, mas que, não obstante, deve ser abolida.

## **Ontologia**

O primeiro passo de meu argumento, portanto, consiste em afirmar que ao contrário do que ocorre na obra hegeliana, no caso de Adorno a dialética não implica em uma ontologia. Por

ontologia entendo, deixo claro, um discurso sobre as propriedades mais gerais do ser enquanto tal, de suas determinações fundamentais. Ou, em outras palavras, um discurso que se opõe a historicidade radical que considera que até mesmo estas determinações mais fundamentais devêm e se alteram. Ao conceder uma importância para a história maior do que a concedida por qualquer filósofo precedente, Hegel erodiu o campo da ontologia, afirmando que apenas certa estrutura, tanto do pensamento quanto do movimento das próprias coisas, é o que resta de imutável. Por isso ele identifica o campo da ontologia com o da lógica objetiva (cf. Hegel, 2016, p. 67). A operação de Adorno é dinamitar este pouco que restou, ao mostrar que apenas certos objetos, historicamente determinados, movem-se dialeticamente. Mas retrocedamos um tanto para recordar alguns pontos mais gerais sobre a dialética e estabelecer os termos da conversação.

Adorno observa, em seu curso *Introdução à dialética*, que a grande diferença entre a dialética moderna e a antiga consiste em que na modernidade a dialética está nas próprias coisas, não sendo apenas (mas também) um método para apreendê-las (cf. Adorno, 2010, p. 9 e 13). De forma lapidar, pode-se dizer que a dialética é para Hegel tanto uma característica das próprias coisas, ou melhor, o próprio movimento delas, quanto o método adequado para lidar com estas coisas. Assim, a dialética propõe uma unidade de método e sistema, de forma e conteúdo. Nas palavras de Hegel: “Verdade é a concordância do pensar com o objeto e, a fim de gerar esta concordância, o pensar deve ajustar-se e acomodar-se ao objeto” (Hegel, 2016, p. 47). Em outras palavras, só precisamos de um método dialético porque os próprios objetos são dialéticos. Mas quais objetos? Na pequena lógica, Hegel afirma que:

Tudo o que nos rodeia pode ser considerado como um exemplo do dialético. Sabemos que todo o finito, em lugar de ser algo firme e último, é antes variável e passageiro; e não é por outra coisa senão pela dialética do finito que ele, enquanto é em si o Outro de si mesmo, é levado também para além do que ele é

imediatamente, e converte-se em seu oposto (Hegel, 1995, §81, Adendo).

É dialético o movimento de todo o finito, de tudo aquilo que é variável e passageiro. Ora, então toda a realidade é dialética, com exceção do espírito quando considerado em sua totalidade. A dialética é, por assim dizer, a estrutura última do existente. Isto significa que ela está presente tanto no movimento das categorias do pensamento; quanto no movimento da natureza, na relação que ela estabelece com ela própria; assim como na relação entre a natureza e a humanidade; como ainda, por fim, nas relações sociais, dos homens consigo mesmos. Dizer que isto tudo é dialético não é mais do que afirmar que estas coisas todas estão prenhes de seus contrários, que basta seguir cada uma destas coisas em seus desdobramentos imanentes para vê-las passar por uma sucessão de formas, sempre negando-se a si mesmas. E isto vale para qualquer tempo.

O mesmo não ocorre na versão negativa da dialética. O conjunto dos objetos que se movem dialeticamente, e que, portanto, precisam da dialética como procedimento para sua correta apreensão, é menor do que aquele hegeliano. E justamente por isso afirmo que a dialética negativa não é, nem implica em, uma ontologia. Adorno insiste diversas vezes que a dialética não é uma visão de mundo, um ponto de vista, tampouco um construto arbitrário. Não ser uma visão de mundo significa, precisamente, que ela não tem a pretensão de opinar sobre todos os objetos. Afirmações do tipo: “Eu, enquanto um dialético, creio que ...” estão por isso deslegitimadas por princípio. Agora, é preciso notar que Adorno não apenas defende um procedimento ao qual denomina de dialética negativa como endossa um materialismo bastante sofisticado. Embora não possa aqui desenvolver isto de forma satisfatória, e reconhecendo de antemão que isto é a afirmação mais polêmica que vou fazer aqui, gostaria de sugerir que me parece um engano tomar o materialismo adorniano como

sinônimo de sua dialética negativa. Evidentemente, o materialismo, entendido, sobretudo, como prioridade do objeto e como reconhecimento do caráter contingente dos acontecimentos, é um dos elementos chave do procedimento. Ademais, não há dialética negativa que não seja também um materialismo. Mas creio que o materialismo necessariamente trata de um leque de situações muito mais amplo. Retomando o elenco acima citado, a dialética negativa nada tem a dizer sobre a relação da natureza consigo mesma; mas pode lidar com parte das categorias do pensamento, com parte da relação entre a humanidade e a natureza e com parte das relações sociais, intersubjetivas. O materialismo tem implicações que afetam todas estas situações. Com isso quero dizer simplesmente que não seria concebível propor um modelo dialético negativo sobre a relação entre o conceito árvore e a coisa árvore, ou sobre a relação entre o conceito de algum objeto manufaturado em uma sociedade pré-capitalista e este mesmo objeto. Volto a isto mais adiante.

## **Contradição**

Avanço para o segundo passo de minha argumentação, que trata do conceito de contradição. Tanto para Hegel quanto para Adorno a dialética é o procedimento adequado para lidar com os objetos que se movem de maneira dialética, e estes são os objetos contraditórios. A categoria da contradição desempenha função proeminente em ambos os projetos, mas, insisto, Adorno utiliza esta categoria de forma inteiramente distinta da hegeliana. O autor da *Ciência da Lógica* afirma que tudo o que é finito é contraditório na medida em que contém em si o gérmen de sua própria dissolução, ou melhor, de sua própria suprassunção.

Já o autor da *Dialética negativa* fala de dois sentidos de contradição. O primeiro sentido é o da natureza contraditória do conceito, o segundo trata da natureza contraditória da sociedade antagonista. Estes dois sentidos estão entrelaçados, mas cabe

analisá-los de forma separada, ao menos em um primeiro momento. Na primeira aula do curso sobre a dialética negativa, Adorno afirma que “o conceito entra em contradição com a coisa a qual ele se refere”, pois “o conceito é sempre menos do que aquilo que está subsumido sobre ele (...), por outro lado, um conceito é sempre ao mesmo tempo mais do que as características que são subsumidas sob ele” (Adorno, 2003, p. 17-8). Isto é, “o conceito é sempre mais e menos do que os elementos incluídos nele” (Adorno, 2003, p. 18). Ele próprio exemplifica com o que será desenvolvido no primeiro modelo do livro de 1966, a saber, o conceito de liberdade. Assim, o conceito de liberdade não é apenas a unidade de características de todos os indivíduos que podem ser considerados como livres, a liberdade de exercer certa profissão ou gozar de certos direitos, pois ele já contém indícios de algo que está além destas liberdades específicas, sem que este elemento adicional já esteja realizado. Nesta medida, o conceito de liberdade é mais e melhor do que a liberdade tal como se encontra efetivada. Ao mesmo tempo, o conceito de liberdade já contém imiscuído em si a heteronomia reinante no mundo. Ele não é o critério impoluto que serve como ideal regulador de uma sociedade correta, mas um produto a mais da vida falsa, e que como tal serve para legitimar o existente, dando sustentação ao estado de coisas vigente. Nesta medida, um conceito como o de liberdade é ao mesmo tempo verdadeiro e falso. Verdadeiro por apontar para uma situação melhor, com menos sofrimento, falso por contribuir para a permanência desta ordem social e, logo, para a perenização do sofrimento implicado por ela.

O segundo sentido é de que a própria sociedade antagonista é contraditória. Nas palavras do frankfurtiano: “a essência deste modelo de sociedade antagonista é que esta não é uma sociedade *com* contradições ou *apesar* de suas contradições, mas *por virtude* de suas contradições” (Adorno, 2003, p. 20). Ele dá dois exemplos para ilustrar tal afirmação. O primeiro é que o motivo do lucro, perseguido na produção de bens mercantis que



torna possível a reprodução social, é também aquilo que divide a sociedade e a torna antagonista. O segundo é que a própria reprodução social depende de um sistema econômico que, por sua vez, depende da indústria bélica. Como afirmei antes, estes dois sentidos estão imbricados. A própria natureza contraditória do conceito é produto da sociedade antagonista e contribui para sua preservação.

### **Dialética negativa como teoria crítica**

Passo agora para a conclusão de meu raciocínio, que consiste em tentar mostrar que a dialética negativa nada mais é do que uma reformulação da expressão e do projeto teoria crítica. Isto, aliás, não sou eu que afirmo, mas o próprio Adorno:

Gostaria de propor, de modo geral, que a dialética negativa, cujos elementos e ideia tenho exposto para vocês, é essencialmente idêntica a teoria crítica. Sugeriria que os dois termos – teoria crítica e dialética negativa – têm o mesmo significado. Talvez, para ser mais preciso, com a única diferença que a teoria crítica, na verdade, significa apenas o lado subjetivo do pensamento, isto é, *teoria*, enquanto dialética negativa significa não apenas este momento do pensamento mas também a *realidade* que é afetada por ele. (Adorno, 2003, p. 37)

A questão, claro, é entender porque ele afirma isto. Para tanto, volto ao problema de tentar mostrar que o escopo da dialética negativa é mais limitado que o do materialismo adorniano. Reconheço que há diversas passagens da obra de 1966 que justificam uma leitura menos restrita da dialética. Passagens, por exemplo, que permitem imaginar que qualquer conceito não é idêntico ao objeto conceituado (como os conceitos de garrafa e de algum objeto manufaturado em uma sociedade pré-capitalista), de modo que as questões epistêmicas levantadas podem fazer sentido em casos que, sugiro, a dialética negativa não abrange. Não

obstante insisto que a tarefa dos modelos de pensamento de uma dialética negativa é o de perseguir a divergência entre ser e pensamento, conceito e coisa, sujeito e objeto, mas sempre escolhendo aqueles conceitos que revelam a estrutura antagonista da sociedade, caso da liberdade, da relação entre espírito do mundo e história natural, e, até mesmo, deste saber do absoluto, a metafísica. Claro que se poderiam fazer modelos a partir de outros conceitos, a relação teoria e práxis, sujeito e objeto, o conceito de igualdade, de justiça, de beleza. Mas tão somente aqueles conceitos que servem para legitimar a ordem social. Liberdade é um tal conceito, árvore e um objeto que não é mercadoria (ou melhor, que é feito em uma sociedade onde não vigora a produção de mercadorias capitalista) não<sup>2</sup>. Nas palavras de Adorno: “A dialética não precisa se deixar intimidar pela acusação de estar possuída pela ideia fixa do antagonismo objetivo, apesar de a coisa já estar pacificada; nada singular encontra sua paz no todo não-pacificado. Os conceitos aporéticos da filosofia são as marcas daquilo que não é resolvido, não apenas pelo pensamento, mas objetivamente” (2009, p. 133). O que estou aqui defendendo é que o procedimento dialético negativo parte do exame dos conceitos aporéticos da filosofia, e se propõe a fazer uma crítica da filosofia que é já uma teoria crítica da sociedade.

Enquanto filosofia, a dialética negativa não tem a pretensão de fazer afirmações sobre como o mundo é ou deveria ser. O procedimento dialético negativo é o exercício filosófico de criticar a própria filosofia “sem piedade” (Adorno, 2009, p. 11), denunciando justamente aqueles elementos fáticos que se imiscuem e falseiam seus conceitos. O que a dialética negativa visa desintegrar é o

---

<sup>2</sup> Há uma ambiguidade no texto adorniano que permite duas interpretações muito distintas: por um lado, pode-se interpretar a dialética negativa como um tipo de crítica da sociedade feita por meio da crítica da filosofia, de modo que ela lida sempre com os conceitos aporéticos da filosofia, o que significa, grosso modo, tratar de conceitos que são ao mesmo tempo legitimadores e questionadores da ordem social vigente; por outro lado, toda mercadoria é um objeto antagonico e, nesta medida, contraditório, devendo ser desdobrada dialeticamente. Apresento uma interpretação que tende para a primeira opção, mas reconheço que não ofereço aqui argumentos para recusar a segunda.

discurso de legitimação, por assim dizer o momento no qual a filosofia contribui para a preservação da ordem social vigente. Para tanto é preciso ir além do conceito e da identificação, perseguir a divergência entre o conceito e a coisa, dando prioridade à coisa, ao objeto. Destarte, denunciar a falsidade da identificação nos próprios conceitos, mostrar o quanto e o como eles legitimam a realidade social, é um modo de tornar esta mesma realidade algo inaceitável, dando voz ao sofrimento.

## Referências

ADORNO, Theodor W. (VüND) *Vorlesung über Negative Dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.

\_\_\_\_\_. (DN) *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

\_\_\_\_\_. (ED) *Einführung in die Dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2010.

HEGEL, Georg W. F. (CL) *Ciência da Lógica*. Petrópolis: Vozes e Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2016.

\_\_\_\_\_. (EL) *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio*. I – A Ciência da Lógica. São Paulo: Loyola, 1995.